



Filipe Guimarães da Silva, Instituto de História Contemporânea FCSH-UNL

*“Um capitalismo bem tirado”.¹ Redes de interesses, grupos e monopolismo no sector
cervejeiro português durante o Estado Novo*

Palavras-chave: indústria cervejeira; monopolismo; Estado Novo; elites

A investigação do processo de concentração industrial durante o Estado Novo carece ainda de estudos consistentes em alguns sectores industriais. Esta comunicação pretende introduzir alguns contributos sobre uma das indústrias de ponta da estrutura industrial portuguesa do Estado Novo – a indústria cervejeira. Numa conjuntura global, realça-se o surgimento de um número reduzido de grupos económico-financeiros hegemónicos que, fazendo uso das palavras de Ernâni Rodrigues Lopes, “[constituem] a base organizacional dos segmentos dinâmicos da economia portuguesa”² – são os chamados *sete magníficos*, que controlavam os sectores industriais de maior produtividade, taxa de lucro e capacidade tecnológica, bem como os sectores básicos e a banca³. Enquadrada neste cenário, a indústria cervejeira portuguesa, sendo um sector com forte contribuição para o crescimento industrial do país⁴, parece representar as aparentes contradições da(s) política(s) económica(s) do Estado Novo, apesar de se encontrar, não raras vezes, em posições de vanguarda em vários domínios. A aproximação à Europa – iniciada nos anos 60 – e a abertura do condicionamento industrial e consequente reorganização da indústria cervejeira contribuíram decisivamente para quebrar os resquícios de amadorismo da indústria cervejeira portuguesa.

¹ Jornal do Comércio, 06/08/1975, p. 8

² LOPES, Ernâni Rodrigues. “O desenvolvimento económico-social desde o pós-guerra 45 e a integração europeia. Dilemas portugueses,” *Portugal e a Europa - 50 Anos de Integração* (1995): 25-45, p. 32.

³ ROLLO, Maria Fernanda. “A industrialização e os seus impasses,” in *História de Portugal: o Estado Novo (1926-1974)*, ed. José MATTOSO, vol. 7, 8 vols. Lisboa: Estampa, 1998, p. 421.

⁴ Manuel LISBOA, *A Indústria Portuguesa e os seus dirigentes* (Lisboa: Educa, 2002).

Esta situação só foi possível porque se trata de um sector altamente concentrado – dominado pela Sociedade Central de Cervejas –, que constituía um autêntico jogo de relações e interesses – extensível às províncias ultramarinas e ao Brasil –, por vezes difícil de destringir, ainda que esta comunicação procure dar visibilidade ao que poderia parecer um jogo de sombras. Veremos – numa viagem de 1934 a 1974 –, à medida que avançamos temporalmente, a entrada de interesses e capitais financeiros no sector – sobretudo a partir de meados dos anos 60 –, através de “participações cruzadas entre os bancos e as grandes empresas, cujos principais accionistas eram accionistas minoritários dos bancos”⁵ que ajudam a prolongar o monopólio existente. Todavia, os *trusts* não se encerram à indústria cervejeira. Criam, por seu turno, uma teia complexa de participações financeiras que merece ser cuidadosamente examinada, com o objectivo de compreender as implicações desta realidade durante o processo revolucionário português, nomeadamente no processo de nacionalizações ocorrido nesse período – tema de investigação desenvolvido na minha tese de mestrado.

⁵ RIBEIRO, José Félix et al. “Grande indústria, banca e grupos financeiros,” *Análise Social* XXIII, n.º 99 (1987): 945-1018, p. 1015.